

Novas dinâmicas da violência vivenciadas por jovens em contextos urbanos

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

GT 32 Violência, crime e punição

Novas dinâmicas da violência vivenciadas por jovens em contextos urbanos

Autora: Analice Brusius
Unisinos – FASE, RS.

Co-autor: Carlos Alfredo Castro Gadea
Unisinos

A temática da violência urbana e seus efeitos assumem cada vez mais o centro das atenções da sociedade brasileira. Com índices de delitos contra a vida que se assemelham a países que enfrentam guerras, a sociedade percebe-se cada vez mais impotente para enfrentá-la, ora naturalizando este fenômeno ora procurando soluções mirabolantes como ações estritamente repressoras e punitivas que, dentro desta realidade, não tem apresentado resultados efetivos.

Diante deste cenário, o segmento de jovens tem sido indicado como um dos protagonistas da violência presente neste contexto seja como autor ou vítima dela. “Ao que tudo indica, a violência que parece ser uma linguagem própria da sociedade contemporânea encontra nos jovens seus mais fiéis porta-vozes.” (ADORNO, 2010, p.2).

Contudo, é importante destacar que “a violência sempre fez parte da experiência humana e que seu impacto pode ser verificado mundialmente de várias formas (DAHLBERG; KRUG, 2007, p. 1164). Dahberg e Krug (2007, p. 1164) apontam que “ a cada ano mais de um milhão de pessoas perdem a vida, e muitas mais sofrem ferimentos não fatais resultantes de auto-agressões, de agressões interpessoais ou de violência coletiva”. Outro dado interessante que os autores trazem para refletir sobre a amplitude deste fenômeno é que, “estima-se que a violência seja uma das principais causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos em todo o mundo” (DAHLBERG; KRUG, 2007,p. 1164).

Os jovens no Brasil estariam encarnando apenas uma destas múltiplas formas de violência que delinea-se com contornos bastante específicos que estão relacionados com o contexto vivenciado pelos próprios jovens. Do que os jovens estariam sendo os porta-vozes com esta violência? Supõe-se que estes jovens que se envolvem com a violência desenvolvem formas de viver constituídas a partir de sua realidade cotidiana e também do mundo social mais amplo, na forma como é percebido por eles. Como influencia deste contexto, desde já, destaca-se a precariedade em termos de garantia de direitos humanos básicos vivenciados por estes jovens em sua trajetória de vida (OLIVEIRA, 2001; SOARES, 2005; DIÓGENES, 1998).

Com relação a sociabilidade, também fica claro que as instituições da sociedade que antes serviam como espaços inquestionáveis de socialização (família, escola e igreja, por exemplo) tem revelado sua fragilidade em promover junto a estes jovens a constituição de um laço social que faça eles sentirem-se parte destas instituições e da sociedade como um todo. Acredita-se que a violência de que os jovens são vítimas e protagonistas contém uma dinâmica que é definida significativamente a partir da urbanização e da fragilização de determinadas formas relações interpessoais muito presentes na atualidade.

Neste sentido, interessa estudar a singularização da experiência de vida destes jovens que remete a um determinado contexto e “às múltiplas oportunidades e estratégias elaboradas para o melhor convívio social, chamando a atenção para os processos de mudança nas sociabilidades e nas formas que elas começam a adquirir” (GADEA, 2015, p. 23). É necessário considerar as transformações sociais que estão ocorrendo de forma cada vez mais acelerada e que acabam também tendo seus efeitos na violência vivenciada pelos jovens.

Este estudo constitui-se em um estudo exploratório que pretende refletir sobre novas dinâmicas da violência vivenciadas pelos jovens nos contextos urbanos através de pesquisa em uma realidade urbana local dos municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo. Além de referências teóricas sobre esta temática e consulta em dados secundários sobre a violência urbana e entre jovens no município, também será apresentado e discutido o resultado de pesquisa São apresentados e discutidos resultados de 20 entrevistas semiestruturadas realizadas com adolescentes e jovens de Novo Hamburgo que cumpriam medida socioeducativa de internação com o objetivo de discutir o problema da violência letal contra jovens no município no ano de 2014. Além disso, como complemento destas entrevistas foram realizadas mais 4 entrevistas semiestruturadas no ano de 2017 com adolescentes e jovens que cumpriam medida socioeducativa de Internação sobre a dinâmica de envolvimento com a violência vivenciada por eles.

As repostas dos adolescentes e jovens serão analisadas a partir da percepção dos indivíduos que vivenciam esta realidade. Parte-se da tradição analítica da Escola de Chicago com os postulados de Thomas sobre a

“definição de situação” ou seja de que “a interpretação do comportamento social requer necessariamente o conhecimento do significado subjetivo que os indivíduos aplicam a sua ação” (PICO; SERRA, 2010, p. 63, tradução nossa) .

Assim, considera-se que no caso das situações de violência vivenciadas pelos jovens em contextos urbanos, que não raramente surpreendem com a singularidade de seus atos, levar em consideração os sentidos atribuídos às suas ações é relevante para a compreensão deste fenômeno. Além disso, as cidades no Brasil mantêm particularidades diferenciando os contextos urbanos e produzindo diferentes relações sociais e intersubjetivas. Novamente recorrendo a Thomas que refere que “o comportamento e a mudança social devem ser entendidos como resultado da interação contínua entre a consciência individual e a realidade social objetiva” (PICO; SERRA, 2010, p. 63, tradução nossa) e desta forma as atitudes individuais não podem ser interpretadas isoladamente e sim, dentro do contexto de vida das pessoas.

Neste sentido, o que os jovens de Novo Hamburgo e São Leopoldo vivenciam relacionado a violência é permeado de peculiaridades pertencentes ao seu contexto social e suas relações intersubjetivas.

Os municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo são municípios da região metropolitana de Porto Alegre que fazem limites entre si e estão localizados no Vale do Rio dos Sinos. Pela rodovia BR 116 São Leopoldo está localizado há 30 km e Novo Hamburgo há 40 km da capital respectivamente. Novo Hamburgo conta com 238.940 habitantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, 2017) e São Leopoldo com 229.678 habitantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO, 2017), ou seja, ambas as cidades mantêm o número populacional bastante similar. São municípios que destacam-se pelo seu alto nível de industrialização em diversas áreas e também por cada um deles ter uma universidade. Apesar de os municípios oficialmente apresentarem a história de que foram construídos por imigrantes alemães não se pode deixar de referir sobre a diversidade étnica e cultural presente nestas cidades e que aumentou na medida em que a indústria e o comércio se desenvolviam (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO, 2017; PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO).

Ambos os municípios fazem limite um com o outro, são de médio porte e por pertencerem à região metropolitana da capital, assumem algumas

características particulares deste cenário e uma delas é a violência urbana. Neste sentido, pesquisas recentes mostram o quanto são expressivos os principais indicadores de violência urbana nestes municípios, lembrando que, conforme Silva (2016, p. 301) “a violência urbana articula uma gramática que produz uma compreensão prático-moral de boa parte da vida cotidiana nas grandes cidades.”, o autor ainda enfatiza que ela está associada não somente ao que se chama de crime no Código Penal brasileiro, mas também ao uso de meios violentos e esta “combinação ameaça permanentemente, e não apenas eventualmente, a integridade física e patrimonial das pessoas” (SILVA, 2016, p. 302). Desta forma, as pessoas sentem-se constantemente sendo interpeladas por uma sensação de fragilidade frente a esta ameaça permanente.

Em uma pesquisa realizada pelo Observatório de Segurança Cidadã do Município de Novo Hamburgo sobre a vitimização na qual foram aplicados 600 questionários em pontos de fluxo de 27 bairros da cidade de Novo Hamburgo (NOVO HAMBURGO, 2016) uma das indagações realizadas foi se “nos últimos 2 anos, você ou alguém da sua família (que mora na mesma casa) teve algum bem furtado ou roubado (incluindo veículo ou celular)?” Constatou-se que 26,0% responderam que sim e 6,7% responderam que seus parentes tiveram os bens furtados ou roubados neste período e 3,2% responderam que tanto eles quanto seus parentes foram vítimas deste tipo de delito.

Também foi apurado que entre os entrevistados que 6,8% responderam que foram vítima nos últimos 2 anos de violência física ou grave ameaça (exceto violência intrafamiliar) em Novo Hamburgo. Entre os entrevistados, 2,5 % responderam que embora não tivessem sido vítimas de violência física ou grave ameaça as pessoas que residem nas suas casas sofreram este tipo de violência. E ainda 0,7% responderam que eles e as pessoas que residem em suas casas foram vítimas de violência física ou grave ameaça. Portanto, a pesquisa concluiu que existe 10% de vitimização de violência física ou grave ameaça e se considerássemos a população total do município teríamos aproximadamente 23.894 que sofreram ou tiveram algum familiar eu reside em sua casa sendo vítima de violência física ou grave ameaça.

Por fim, sobre a sensação de insegurança no município de Novo Hamburgo, 34,8% das pessoas entrevistadas referiram que se sentem totalmente inseguras no município de Novo Hamburgo e apenas 2,5% das

peças referiram sentir-se seguras. Os dados demonstram que a sensação de ser afetado com a violência é constante entre os moradores da cidade que sofrem em maior ou em menor intensidade. Desta forma, “a exposição à violência contínua e a participação ativa em atos violentos (como vítima ou protagonista) desenha uma forma de relação específica, em que fatores estruturais, conjunturais e institucionais atuam conjuntamente em seu aparecimento”(GADEA, 2015, p. 34).

Buscando aprofundar a compreensão sobre a violência, Gadea (2015) refere que existem uma variedade de situações desta ordem que se poderia “classificar de acordo com a pessoa que sofre, de acordo com a natureza da agressão, de acordo com o local de sua manifestação e segundo as suas motivações”(p.30) portanto, a violência não é um fenômeno simples de ser estudado e que pode facilmente ser generalizado e problematizado pois apresenta motivações variadas e multicausais, ou seja, ela se constrói em cenários sociais particulares (GADEA, 2015, p. 30) .

Parte-se a partir de uma definição ampla de violência para se chegar em suas particularidades e dinâmicas específicas. Para esta compreensão mais geral do fenômeno poderíamos então afirmar que entende-se por

violência o uso ou ameaça da força física com a intenção de lesionar ou matar a outra pessoa ou a si mesmo, assim como o resultado de relações sociais que lesionam a integridade moral de indivíduos, seja por mecanismos de discriminação e exclusão social, como por estratégias de intimidação e ameaça verbal (GADEA, 2015, p.30).

No Brasil, desde 1975, a partir do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), são registrados os dados de “homicídios e outras violências” pelo ministério da saúde e, a partir de 1979, com a implantação do SUS, existe uma divulgação destes dados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). O homicídio, por ser um delito contra a vida, torna-se expressão extrema da violência interpessoal e sua irracionalidade bem se expressa por sua contraditória condição de ser a principal causa de morte que poderia ser prevenida (TAVARES et al., 2016).

Como exemplificação da realidade de mortes violentas ocorridas no município de São Leopoldo podemos trazer os dados da Secretaria Estadual

de Segurança Pública que informa que no ano de 2014 ocorreram 117 mortes violentas no município sendo que 113 foram resultado de homicídios dolosos e 4 de latrocínio. No ano de 2015 ocorreram 102 mortes violentas no município sendo que 98 foram resultado de homicídio doloso e 4 de latrocínio. O levantamento não especifica a idade das vítimas, mas fornece uma noção da amplitude deste problema.

Já no município do Novo Hamburgo, encontram-se dados sistematizados pelo Observatório de Segurança Cidadã do município tendo também como fonte de pesquisa dados fornecidos pela Secretaria Estadual Segurança Pública do Estado de Rio Grande do Sul. Com relação ao número de mortes violentas, no ano de 2014, chegou-se a 100 ocorrências sendo 95 de homicídios dolosos e 5 de latrocínios (NOVO HAMBURGO, 2016). Já em 2015 foram 91 ocorrências sendo 81 delas de homicídios dolosos e 10 de latrocínio (NOVO HAMBURGO, 2016). Algumas informações sobre a dinâmica destes delitos já foram fornecidas pelo Observatório de Segurança Cidadã de Novo Hamburgo. Uma verificação importante é em relação aos locais na cidade nos quais eles ocorrem: ficou comprovado com os dados levantados em 2014 e 2015 sobre o delito de latrocínio que eles podem ocorrer em qualquer território da cidade aleatoriamente, não obedecendo nenhum padrão (NOVO HAMBURGO, 2016). Na verdade, podem ocorrer em qualquer local em que ocorram roubos com o uso de arma de fogo (NOVO HAMBURGO, 2016). Não foi verificado nenhum latrocínio nestes dois anos que no qual não tivesse sido utilizada uma arma de fogo (NOVO HAMBURGO, 2016). Com relação aos homicídios, os dados disponíveis nos mapas construídos pelo Observatório de Segurança Cidadã de Novo Hamburgo, demonstram que eles ocorrem em áreas mais periféricas da cidade de Novo Hamburgo e principalmente nos bairros Canudos e Santo Afonso (NOVO HAMBURGO, 2016). Ainda pode-se concluir que “considerando as informações disponíveis, tanto os suspeitos quanto as vítimas foram, majoritariamente, homens de pele branca, entre 18 e 24 anos, que cursaram somente o ensino fundamental” (NOVO HAMBURGO, 2016).

Segundo Waiselfisz (2014, p. 54)

“a distribuição espacial da violência homicida, principalmente quando desagregada no nível do município, tem-se revelado uma fonte particularmente profícua de descobertas para a análise dos fatores que incidem em sua produção e reprodução da violência homicida e, a partir desse quadro, ter condições de delinear políticas específicas de enfrentamento”.

Sabe-se que o ambiente urbano nas cidades e a sua estruturação e organização e reorganização pode estar relacionado com o envolvimento de jovens com a violência. Sobre este tema, o recente estudo de Gadea (2015) sobre a realidade juvenil e a violência intersubjetiva refere que

o acelerado crescimento desorganizado das regiões metropolitanas das principais cidades do país tem sido detonador de novas práticas sociais em que o ingrediente da violência se tornou cotidianidade, principalmente em alguns espaços urbanos deteriorados (GADEA, 2015, p. 39).

As áreas periféricas da cidade que são os locais nos quais os homicídios ocorrem são locais conhecidos por serem espaços urbanos deteriorados e pode-se compreendê-los como locais nos quais vislumbram-se aspectos referentes a precariedade socioeconômica da população aliados ao descaso do Estado com a efetivação de políticas públicas que melhorem a qualidade de vida da população local como habitação, urbanização, assistência social, saúde, esporte, lazer, cultura entre outros. A noção de “hipergueto”, formulada por Wacquant (2008), pode nos auxiliar a refletir sobre estes locais periféricos que são locais permeados pelas insegurança social proporcionada pela retração das políticas públicas de Estado que garantam os direitos dos cidadãos. A formação do hipergueto para o autor vem materializar o resultado da desarticulação operada pela ordem dominante, desencadeada em um contexto econômico, político e social específico. Essa mudança na forma de governar implica em o Estado ter abandonado a política de bem-estar social, substituindo-a pela de penalização daqueles que são rejeitados pelo mercado de trabalho, devido ao padrão de exigência específico dos empregadores. Aliado à ampliação do Estado penal, deixa-se de exercer sua função pública, autorizando que o mercado econômico haja regulando as relações sociais (WACQUANT, 2008).

Sobre o fato de serem os jovens e com baixa escolaridade os que mais foram vítimas de homicídio no município de Novo Hamburgo, pode-se destacar que este dado vai ao encontro dos estudos que tem sido realizados no Brasil sobre a mortalidade violenta em geral e de jovens especificamente (CERQUEIRA, 2016; WAISELFISZ, 2014). Portanto, a realidade local do município segue esta tendência nacional.

Para iniciar uma reflexão sobre as dinâmicas da violência e os jovens nos contextos urbanos destacamos algumas pesquisas já realizadas que fornecem dados preocupantes sobre esta realidade. Com relação ao município de São Leopoldo, um estudo sobre a percepção de adolescentes e jovens sobre os extermínio de adolescentes e jovens no município (MUSSKOPF et al, 2014) pode trazer conclusões sobre a relevância dos efeitos da violência na vida dos jovens. Foi verificado que entre a população pesquisada que era proveniente de bairros periféricos conhecidos pelo índice de violência expressiva no município (região nordeste e região leste), a maioria, ou seja, 56,9% declararam que conheceram alguém que foi assassinado na comunidade (MUSSKOPF et al, 2014, p. 62). Além disso, o estudo demonstrou que entre os sujeitos pesquisados um número significativo, ou seja, 43,5%, declarou que conhecia pessoas que foram autores de assassinatos (MUSSKOPF et al, 2014, p. 63).

Outra forma de violência que foi pesquisada foi a ameaça de morte que é “tanto uma forma de intimidar, quanto faz com que as pessoas e muitas famílias tenham que migrar para outro lugar” para sentiram-se protegidas (MUSSKOPF et al, 2014, p.64). Assim, entre os entrevistados, 60,9%, conheciam criança, adolescente, jovem ou familiar que já sofreu ameaça de morte (MUSSKOPF et al, 2014, p. 65). Com relação ao risco de morte vivenciado por jovens neste contexto, na pesquisa, destaca-se o fragmento de uma conversa com um adolescente que ao ser indagado sobre o futuro, desejos, sonhos, um deles falou que fazia tudo agora e neste momento pois, poderia morrer ao dobrar a esquina ((MUSSKOPF et al, 2014, p. 27).

Este estudo aponta para resultados que permitem a verificação da intensidade das situações de violência vivenciadas entre os jovens no município de São Leopoldo. Apesar do estudo ter sido direcionado para as situações de violência direta, que seria aquela que se manifesta contra a

integridade física, na forma de homicídios, agressões e lesões físicas (GADEA, 2015, p.31) podem ser percebidos os efeitos desta violência na sociabilidade dos jovens neste contexto que passa a ter que se relacionar com esta realidade, assimilar esta violência em seu cotidiano. Conforme referido na fala do adolescente, a violência pode chegar até a interferir nos planos para o seu futuro, em desejos, em sonhos. O sentimento de que poderia morrer a qualquer momento não permitia este tipo de projeção futura para a sua vida que era focada no hoje, no presente. Emerge, portanto, o questionamento sobre em que medida esta violência que é direta não se tornaria também violência indireta que é uma violência que não deixa marcas físicas, mas que é definida por um poder coercitivo de uma pessoa sobre a outra (GADEA, 2015, p.31). Até que ponto a realidade de violência vivenciada seria impositiva e até coercitiva sobre as pessoas e especialmente sobre os jovens que são mais vulneráveis a influências externas por estarem em um estado de dependência maior em relação aos adultos e a realidade que os cerca.

Estudos sobre a realidade de violência dos jovens nestas cidades demonstram a amplitude que o fenômeno toma neste contexto e, por este motivo, são importantes as tentativas de maior compreensão sobre este problema. O tempo de vida da juventude deve ser compreendido em sua dimensão biopsicossocial, sendo considerado na atualidade como um momento intermediário entre a vida infantil que finda e de preparação para a vida adulta.

É importante conceber a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas também a existência de especificidades que marcam a vida de cada um (DAYRELL, 2007, p. 158). Portanto, não existe apenas um modo de ser jovem e, por este motivo, pode-se utilizar a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade das vivências da juventude. Neste sentido, Gadea (2015, p. 23) refere que “as sociedades contemporâneas são demasiadamente diferenciadas e policontextuais, e as experiências dos jovens devem ser analisadas a partir de múltiplas filiações identitárias correspondentes as necessidades e negociações contínuas no seu cotidiano”.

Em um estudo realizado no ano de 2014 para ser apresentado no “I Seminário pela Promoção da Vida e o Fim da Violência Letal de Crianças, Adolescentes e Jovens em Novo Hamburgo” (BRUSIUS; GONÇALVES, 2014)

foram entrevistados 20 jovens que tinham entre 14 e 19 anos e que cumpriam medida socioeducativa de internação em um Centro de Atendimento Socioeducativo e que eram residentes do município de Novo Hamburgo com o objetivo de compreender como eles vivenciavam as situações de violência letal contra jovens que ocorriam no município de Novo Hamburgo.

O fato dos jovens cumprirem medida socioeducativa por terem praticado um ato infracional indicava uma particularidade da experiência de vida desta juventude. Ao trazermos este entendimento para a realidade dos adolescentes e jovens que cumprem medida socioeducativa de internação podemos pensar que “os atos de violência representam estratégias de sobrevivência dos jovens: a chamada violência juvenil atual pode ser vista como uma das estratégias de reprodução ou de sobrevivência de setores excluídos” (SANTOS; TEIXEIRA; RUSSO, 2011, p.16).

Sobre a participação nas instituições formalmente constituídas para atender estes jovens verificou-se que dos 20 jovens entrevistados, 16 não estavam estudando quando ingressaram na instituição e que em relação a escolaridade, apenas 1 deles tinha chegado até o ensino médio. Portanto, a grande maioria estava em defasagem escolar significativa. Cerqueira (2016) refere que um dos fatores da escola Brasileira não ser atraente para os estudantes seria o fato de ela objetivar incutir um volume enciclopédico de informações que não estão relacionados aos interesses dos estudantes e que estes são considerados como indivíduos que possuem todas as condições materiais e socioemocionais para desenvolver seus estudos, ou seja, os alunos não são reconhecidos de acordo com as suas singularidades. O autor enfatiza que se a escola passasse por uma transformação em relação ao seu funcionamento poderia ter um papel crucial na prevenção de crimes.

L. Chioda et al (2015 apud CERQUEIRA et al., 2016, p. 12),

ao estudarem os efeitos do programa Bolsa Família sobre o crime no Brasil, verificaram que a expansão do programa associado ao aumento da escolarização de adolescentes entre 16 e 17 anos, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, contribuiu para a diminuição de homicídios.

Entre os adolescentes e jovens que estavam em cumprimento de medida socioeducativa de internação, verificou-se que, 14 deles, ou seja, 70% destes jovens afirmaram que nunca tinham tido acesso a rede de atendimento socioassistencial antes de cumprir uma medida socioeducativa. Porém, 9 deles, ou seja 45% referiram que suas famílias estavam recebendo o benefício do Programa Bolsa Família. Apenas dois jovens referiram que suas famílias recebiam acompanhamento da rede socioassistencial, frequentando atendimentos regulares, ou seja, 10% das famílias dos entrevistados. Todos os jovens referiram que eles e suas famílias tinham acesso aos serviços de saúde nas Unidades de Saúde da Família e em Hospitais. Com relação à saúde mental, apenas 10 % afirmou que eles e seus familiares já tinham tido acesso a este tipo de cuidado em saúde.

Com relação ao programa bolsa família e a escolarização L. Chioda et al (2015 apud CERQUEIRA et al., 2016, p. 12) referem que o fator de aumento de renda da família reduz o incentivo ou a necessidade desses jovens de se envolverem em crime de motivação econômica e também, perceberam que quando o jovem passa a frequentar a escola, que é uma das condicionalidades para o recebimento do auxílio econômico do Bolsa Família, é propiciado a ele uma nova oportunidade de interação social pois se o grupo de colegas dentro da escola é melhor do que aquele que o jovem tem nas ruas, “o comportamento dele tende a melhorar, o que acaba afastando-o das atividades criminais”.

Cerqueira e Moura (2014, 2015) também investigaram “o efeito causal das oportunidades no mercado de trabalho e educacionais sobre a taxa de homicídios nos municípios brasileiros” e verificaram que

a maior oportunidade tanto educacional quanto no mercado de trabalho é um elemento crucial para mitigar a taxa de homicídio nos municípios brasileiros. Para cada 1% a mais de jovens entre 15 e 17 anos nas escolas, há uma diminuição de 2% na taxa de homicídio do município.

Percebe-se que além da escolarização a falta de garantia de acesso a outros direitos e políticas públicas que poderiam ampliar a rede interações sociais dos adolescentes e jovens e fortalecer o laço social destes através de

processos socializadores secundários como a escola, práticas esportivas, de saúde e culturais também não são significativas em sua vida.

Percebe-se que esta falta de acesso do adolescente e jovem aos direitos e políticas públicas está associado as reflexões de Soares (2005) que relaciona o tema violência e da adolescência com o da invisibilidade, referindo que os adolescentes que se envolvem em atos infracionais sofrem com uma invisibilidade social, por não possuírem os atributos com os quais possam ser realmente olhados, por não chamarem a atenção para si e assim não se sentirem pertencendo ao mundo dos adultos. Destaca, ainda, que o estado de invisibilidade social “é uma carreira que começa cedo, em casa, pela experiência da rejeição, e se adensa, aos poucos, sob o acúmulo de manifestações sucessivas de abandono, desprezo e indiferença, culminando com a estigmatização” (SOARES, 2005, p. 205). Gadea (2011) faz referência ao não reconhecimento mútuo como uma forma da violência encontrar brechas para surgir, referindo que ela fornece sentido social e define uma situação específica de desequilíbrios da ordem da indignação, da invisibilidade e da exclusão social. Portanto, é possível que entre esses adolescentes e jovens estes fatores tenham influenciado o seu envolvimento com as situações de violência.

Entrando mais especificamente no tema da violência primária, física e intersubjetiva, 100% dos jovens afirmaram que já tinham sido vítimas deste tipo de violência. Verifica-se que no caso das violências trazidas pelos jovens estavam exclusivamente situações de violência física e percebe-se que esta é a forma mais explícita de violência identificada por eles. Alguns referiram ter sofrido violência física por parte de mais de uma pessoa ou em mais de uma circunstância. A grande maioria, ou seja, 70 % refere ter sofrido violência por parte da polícia, 30% refere ter sofrido violência por parte de familiares e 30% por parte de outros jovens na escola, por parte de bondes ou de vizinhos. Entre estes jovens, 20% já tinha sofrido ferimento por arma de fogo, 10% por faca e 5% atropelamento.

Sobre as situações de violência vivenciadas por eles, além da prática dos atos infracionais que os trouxeram para a instituição, todos os jovens referiram que já tinham presenciado situações de violência sendo praticada contra jovens e entre elas destaca-se que 30% afirmaram que já haviam

presenciado outros jovens sendo vítimas de homicídio e 20% afirmaram que presenciaram a situação de outro jovem ser atingido por disparo de arma de fogo e outros 20% já tinham presenciado corpos de jovens mortos atirados na rua e ainda 10% presenciaram a cena de jovens sendo mortos por policiais após terem praticado o delito de roubo.

Sobre a situação extrema de correr risco de morte, 75% dos jovens afirmaram que já haviam passado por esta situação. Quando indagados sobre os motivos pelos quais os jovens corriam risco de morte no município de Novo Hamburgo os jovens afirmaram uma diversidade de situações como ser usuário de drogas o que coloca-os em risco, pois devem drogas para traficantes e circulam no meio de pessoas que usam ou vendem drogas, também afirmaram que o fato estar envolvido com a “*vida do crime*” faz com que o risco de morte aumente, citaram a prática de assaltos, por exemplo, por serem assaltados, por dirigirem alcoolizados, por terem muitos “*contras*” (inimigos), por serem de bondes, por serem de facção, por roubarem na própria vila, por falta de Programas Sociais, por causa de meninas, ou seja, quando um fica com a namorada do outro ou com “*mulher de vagabundo*” e também por ter familiares envolvidos com a “*vida do crime*”.

Percebe-se, pelas afirmações dos adolescentes e jovens, que eles reconhecem que estar envolvidos com os delitos que fizeram com que eles viessem a cumprir a medida socioeducativa de internação faz com que eles sejam mais suscetíveis a serem vítimas de violência e também a correr risco de morte. Quando indagados sobre o risco de morte que sofrem estando envolvidos com delitos é significativo o fato de afirmarem “*todas as pessoas irão morrer um dia*” ou que “*cada um tem a sua hora*”.

Neste sentido PIMENTA (2014) refere que,

para muitos adolescentes e jovens, principalmente do sexo masculino e vivendo em contextos urbanos de grande exposição à violência, a própria perspectiva de chegar à idade adulta encontra-se ameaçada.

Sobre o envolvimento em delitos, ou seja, com a violência, pode-se observar algumas peculiaridades sobre como ocorre este processo, sendo que a mais marcante é o fato destes serem praticados sempre em grupo. Em

entrevistas individuais realizadas no ano de 2017 com 4 adolescentes e jovens de Novo Hamburgo e São Leopoldo que cumprem medidas socioeducativas de internação aparece a seguinte afirmação para o início da prática de atos infracionais

“Eu comecei assim, ficava ali na praça (localizada na frente da entrada do beco onde mora com sua família) o dia todo ali com os guris, às vezes pegava um carro para um, buscava droga para outro e assim fui entrando nesta vida”

Percebe-se, portanto, que neste processo de envolvimento dos adolescentes e jovens com a violência, no qual os demais processos de socialização estão fragilizados, a constituição do laço social ocorre através de um grupo, pois é possível que no grupo de adolescentes e jovens eles possam entrar

em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, quem é o mundo, quem são os outros. É o nível do grupo social, no qual os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria (DAYRELL, 2007,p.160).

Neste contexto surge a expressão “embolamento”, ou a ação de estar “embolado” que é uma expressão usada por estes adolescentes e jovens quando afirmam que estavam junto com os outros. Segundo os adolescentes e jovens entrevistados, existem vários tipos de “embolamentos”, “*tem uns que não se envolvem com a violência*” e existem somente para “*ir em festas*” e “*ficar com as gurias*” mas a maioria dos embolamentos são envolvidos com a violência. É afirmado pelos entrevistados que “*estar embolado*” significa “*estar junto*”.

Quando os embolamentos referem-se a grupos de adolescentes e jovens constata-se que a violência ocorre de forma desorganizada, não sendo perceptível um propósito claro, com objetivos definidos a longo prazo, a não ser aqueles que remeteriam a prazeres mais imediatos como roubar e traficar para comprar roupas, ir em lanchonetes e ir a festas. São atos momentâneos e que

por vezes são realizados a fim de não se destituir a coesão do grupo. Os jovens costumam afirmar posteriormente sobre o ocorrido: “me convidaram e então eu fui”, parecendo que não ir junto praticar a violência significaria romper com este laço social constituído.

Maffesoli (2010), a partir de estudos sobre grupos sociais da juventude na contemporaneidade enfatiza o considerável significado que uma nova forma de estabelecimento de grupo social vem adquirindo na constituição da vida humana e que se destaca por sua dimensão efetiva e sensível. Este seria um agrupamento no qual a estética é valorizada, sendo chamado de fenômeno de neotribalização que se impõe em detrimento de grupos unidos por uma via de racionalidade com uma finalidade específica que acaba desencadeando processos de isolamento do indivíduo. Para o autor, nestes grupos o estar junto seria o fundamental, “antes de qualquer outra determinação ou qualificação, ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específicas” (MAFFESOLI, 2010, p. 141).

Este momento de estar junto à toa é a forma orgânica do grupo e uma preparação para algo diferenciado na constituição da sociedade, uma base para a solidificação de outras formas de sociabilidades como a própria cultura. Da mesma forma, na perspectiva dos estudos de Maffesoli “a valorização do imediato, dos temas cotidianos e das preocupações existenciais de cada dia resulta serem os motores constitutivos dos novos laços emergentes nos grupos jovens atuais”(GADEA, 2015, p.25).

Um tipo de embolamento seria a participação em bondes, os jovens entrevistados no estudo de 2014 e em 2017 referiram que bonde “*é o começo pra tu pensar em entrar numa facção*”, “*é uma penca de nego tudo se quebrando*”, “*é um monte de piá que se reúne pra brigar, conseguir gurias e encher a cara*”, “*é um bondinho de guria pra ficar com os guris*” ou “*é um bonde de gurias que vão pra frente do shopping pra brigar*” e também que “*tem uns bonde que não são de briga, são só pra fazer reunião*”

No caso dos bondes, também fica evidenciada que o estar junto seria o mais importante e que a violência permeia a relação dos envolvidos no grupo, mas este não se restringe unicamente a prática da violência. Os bondes são exclusivamente formados por adolescentes e jovens que participam dele durante um período de suas vidas. O bonde, segundo estes adolescentes e

jovens entrevistados faria parte de um momento transitório da vida nesta busca de estar junto com outros jovens, participar de bondes seria como um ritual de passagem para outras fases.

Segundo ROSA (2014) o bonde está sempre associado à ideia de movimentação que é importante para que se compreenda que o bonde pode se fragmentar em várias sociabilidades que dependem da idade, do território, da estrutura de oportunidades e de outros critérios para se configurar, mas a sua forma de identificação sempre seria o contexto dividido entre o conflito e a periferia. Após este período de envolvimento com os bondes, os adolescentes e jovens podem passar a não se envolver mais com situações de violência ou ao contrário, acabam se envolvendo em situações de estar em grupo que pratica a violência de forma mais estruturada, com objetivos específicos e que não procuram a visibilidade social que os bondes procuram, até porque, esta visibilidade revelaria as condutas ilícitas praticadas e traria consequências ruins para o grupo.

Segundo os adolescentes e jovens entrevistados, quando o embolamento vai ficando mais envolvido com a violência ele apresenta regras claras para a participação e manutenção do vínculo entre os seus membros e assim referem que *“se tu vê a mão para o embolamento tu fica considerado, tem o apoio dos caras e cada vez mais tu fica mais agressivo, tem mais poder no embolamento, se tu vê a mão para eles, eles vão ver a mão para ti”*, neste caso o embolamento poderia já apresentar características que o fariam pertencer a uma facção. Este tipo de embolamento “não fica no centro, ele fica na favela”.

Neste caso o embolamento é a alternativa de se integrar em uma gangue que

insere-se dentro de uma rede de proteção paralela, em que a circularidade da violência condensa proteção e agressão, em que atacar torna-se regras básica da segurança. De outro modo, a necessidade de segurança na gangue, paradoxalmente, só pode ser retribuída com coragem nos momentos de “treta 9”, sendo nessas ocasiões que se oficializa, ou não a entrada de novos integrantes na gangue (DIÓGENES, 1998, p. 118).

Por outro lado, percebeu-se nas entrevistas realizadas que os jovens reconhecem criticamente as situações de violência que vivenciam e que pensam que deveria ser realizado algo para mudar esta realidade que é de muito sofrimento para eles. Conforme apresentado na música criada por um adolescente que cumpre medida de internação que refere,

*Mano entendo o sofrimento
Escuta o que eu vou falar
Porque ontem eu ri
Hoje eu vou chorar
Pensei na coroa
E o que eu tô fazendo
Ver minha família nesse sofrimento*

A letra da música mostra um adolescente falando para outro sobre o quanto o envolvimento com a violência causava tristeza e percebe-se assim uma significativa relação intersubjetiva entre eles, um laço social estabelecido que acolhe o outro e propõe uma reflexão crítica sobre o que acontece quando se envolvem com a violência.

Verificou-se entre os adolescentes e jovens entrevistados que muitos afirmam não saber o que poderia ser feito para mudar esta realidade da violência vivenciada no município de Novo Hamburgo demonstrando o quanto para eles “a violência exprime uma subjetividade sem saída, a incapacidade de ter projetos, agir de maneira criadora e produzir a sua existência; ela vem ressaltar o abismo que separa as instituições daqueles a quem elas deveriam fornecer as chances e os meios de construir” (WIEVIORKA, 2006, p. 205). Percebe-se entre eles um sentimento de impotência diante das situações de violência que vivenciam. Gadea (2015) constatou que parte dos jovens residentes em bairros da periferia de Porto Alegre eram impactados pela violência na medida em que suas sociabilidades eram limitadas e fragmentadas e que a maior carência nestes jovens é em relação a sua “capacidade de ingressar em uma rede de relações sociais que lhe permita sair de determinadas relações adversas” (p. 129). Em uma pesquisa sobre medidas socioeducativas no município São Leopoldo foi constatado que

as particularidades históricas da cidade, em seu convívio com a violência e a invisibilidade da adolescência, especialmente a pobre, travestida nos “vazios” de políticas

públicas, no seu confinamento em territórios hostis e violentos, na inabilidade de contato com o “mundo dos adolescentes” desvelaram-se como determinantes intrínsecos ao fenômeno da criminalidade juvenil, esta por sua vez, cooptada pelas redes de tráfico, presentes em São Leopoldo (Barbiani, 2014).

Ainda sobre as reflexões trazidas pelos entrevistados sobre o que faria os adolescentes e jovens diminuïrem as chances de se envolverem com a violência, cabe também destacar que parte significativa dos entrevistados referiu que se deveria “*dar mais oportunidades aos jovens*” sendo apontadas alternativas diversas sobre o que seriam estas oportunidades, de acordo com a vivência de cada entrevistado. Neste sentido, percebe-se que eles vislumbram a possibilidade diminuir as violências vivenciadas na medida em que são ampliadas as possibilidade de estabelecerem outras relações e interações sociais.

Portanto, percebe-se que as relações de violência não estão naturalizadas na vida destes jovens. Gadea (2011, p. 96) esclarece que “a violência parece encarnar o desejo por estabelecer uma relação de conflito preciso, assim como se constituir como fundadora de uma ‘experiência’ capaz de articular uma série de ‘pautas’ no campo da ‘indignação moral’”, desta forma ela daria visibilidade social a conflitos que até então não eram percebidos. No mesmo sentido, Hartmann (2005, p. 45), coloca que “após o ato violento temos uma definição de lugares”. Explica a sua afirmação dizendo que “esta definição diz respeito ao fato de que, depois de cometida a violência, as coisas mudam, um limite aparece, mesmo que provisório” (HARTMANN, 2005, p. 45).

Os impasses vivenciados por estes adolescentes e jovens devem ser visualizados para que eles possam encontrar outros espaços para serem acolhidos e considerados na sua singularidade. As ações que valorizam a ampliação de suas redes de relações sociais podem proporcionar outras perspectivas de cuidado e de construção de relação de confiança. Além disso, deve buscar-se a constituição de outros espaços e vivências no sentido de se entrelaçarem às marcas que permitam o adolescente se identificar, manifestar o seu interesse e proporcionar a ele o pensamento reflexivo. A exemplo disso, além das mudanças na escola, que já foram abordadas, percebe-se a riqueza de vivências relacionadas à participação em oficinas de música, de esportes, inclusão digital, de idas a parques e de conhecer a praia. Acredita-se que

fortalecendo estas experiências os adolescentes e jovens possam estabelecer laço social na qual as situações de violência sejam ressignificadas por ele, através de múltiplas interações sociais e assim fortalecer a compreensão de que ele faz parte de uma rede de relacionamentos, de uma cidade e de um coletivo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- ADORNO, Sergio. A violência na sociedade brasileira. Juventude e delinquência como problemas sociais. Rev. Bras. **Adolescência e Conflitualidade**, São Paulo, v. 2, n.2, 2010, p. 1 – 11.
- BARBIANI, Rosangela. **Violência e Violação de Direitos Humanos: medidas socioeducativas no município de São Leopoldo na ótica dos determinantes sociais de saúde**. Relatório de pesquisa apresentado ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Leopoldo. Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, São Leopoldo, 2014.
- BRUSIUS, Analice; GONÇALVES, Liana, L. **I Seminário pela Promoção da Vida e o Fim da Violência Letal de Crianças, Adolescentes e Jovens em Novo Hamburgo**. Novo Hamburgo: Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo. Programa de Proteção de Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte, 2014.
- CERQUEIRA, Daniel. **Trajetórias Individuais, Criminalidade e o Papel da Educação**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2016.
- CERQUEIRA, Daniel R.C. et al. **Indicadores multidimensionais de educação e homicídios nos territórios focalizados pelo pacto nacional pela redução de homicídios**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. (Nota Técnica, n. 18). Disponível em: <http://goo.gl/QJ8v6L>. Acesso em: 18/06/17.
- CERQUEIRA, Daniel.; MOURA, R. L.. (2014) **Oportunidades para o jovem no mercado de trabalho e homicídios no Brasil**. In: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.). Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros. Brasília: Ipea, 2014. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_desafios_completoweb.pdf Acesso em: 01/06/17.
- DAHLBERG, Linda L.; KRUG, G. Etienne. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11(Sup), p. 1163-1178, 2007

DAYELL, J. O jovem como sujeito social. In: Fávero et al. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192
Acesso em: 01/06/17.

DIOGENES, Glória.. **Cartografias da Cultura e da Violência**; Gangues, galeras e movimentos Hip Hop, São Paulo: Annablume, 1998.

GADEA, C.A. **Realidade juvenil e violência intersubjetiva em bairros de Porto Alegre**: contextos, situações e perspectivas. Porto Alegre: Circula, 2015.
GADEA, Carlos. A violência e as experiências coletivas de conflito. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, Portugal, n. 92, p. 75-98, mar 2011.

HARTMANN, Fernando. Violência e Discurso. IN: HARTMANN, Fernando; ROSA JR, Norton C. F. (orgs). **Violências e Contemporaneidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portal da Saúde**. Mortalidade. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/mortalidade>. Acesso em: 01/06/17.
MUSKOPF et al. **Desvelando percepções de uma realidade- extermínio de adolescentes e jovens**. São Leopoldo: CEBI, 2014.

RIO GRANDE DO SUL, **Secretaria de Segurança Pública**. Indicadores Criminais SSP Anual. Disponível em: <http://www.ssp.rs.gov.br/?model=conteudo&menu=304>. Acesso em: 03 out 2016.

NOVO HAMBURGO. **Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo**. Dados Gerais. Novo Hamburgo, 2017. Disponível em: <https://www.novohamburgo.rs.gov.br/modules/catasg/novohamburgo.php?conteudo=140> . Acesso em: 29 mai. 2017.

NOVO HAMBURGO. **Observatório da Segurança Cidadã**. Estatísticas Criminais. Disponível em: <http://www.odsc.com.br/estatisticas-criminais>. Acesso em: 03 out 2016. NOVO HAMBURGO. **Observatório da Segurança Cidadã**. Boletim 006/2016. Disponível em: <https://magic.piktochart.com/output/11445333-boletim-0062016-do-observatorio-de-nh>. Acesso em: 03/10/2016.

NOVO HAMBURGO. **Observatório da Segurança Cidadã**. Boletim 001/2016. Disponível em: <https://magic.piktochart.com/output/7894718-infografico-conflict-copy>. Acesso em: 03 out 2016.

PICÓ, Josep; SERRA, Inmaculada. La Escuela de Chicago de Sociologia. Madrid: Siglo, 2010.

PIMENTA, Melissa de M. Masculinidades e Sociabilidades: compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. **Dilemas: revista de estudos de conflitos e controle social**. Rio de Janeiro. V.7, no.03, pp. 701-730, 2014.

OLIVEIRA, Carmem S. **Sobrevivendo no Inferno: a violência juvenil na contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

ROSA, F. S.. **Bondes, Periferias e Conflitos: sociabilidades juvenis em Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, São Leopoldo, 2014.

SANTOS, José L. V.; TEIXEIRA, Alex T.; RUSSO, Maurício. Introdução. IN: SANTOS, José L. V.; TEIXEIRA, Alex T.; RUSSO, Maurício(Org.). **Violência e Cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SOARES, Luís E. Identidade em Obras I: Adolescência. IN: ATHAYDE, Celso; BILL, MV; SOARES, Luis Eduardo. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SÃO LEOPOLDO. **Prefeitura Municipal de São Leopoldo**. Por que São Leopoldo?. São Leopoldo, 2017. Disponível em:
<http://www.saoleopoldo.rs.gov.br/?template=abreAnexos&arquivo=8236&nomeArquivo=POR%20QUE%20S%C3O%20LEOPOLDO?&categoriaDownload=1> .
Acesso em: 29 mai. 2017.

SILVA, Luiz, A. M. da. **Fazendo a Cidade: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

TAVARES et al. Homicídios e Vulnerabilidade Social. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. N.21 pp. 923-934, 2016.

WACQUANT. Loïc. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil**. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2014. Disponível em:
<http://www.mapadaviolencia.org.br/>

WIVIEORKA, M. **Em que mundo viveremos?** São Paulo: Perspectiva 2006.